

### Onde uma companheira assim?

E a chuva vem mesmo impiedosa – mais alguns minutos remando entre as árvores e estamos ensopados. Tiro minhas botas e meias e dobro minha calça até acima dos joelhos. O pé d'água tá que engrossa – um pé certamente 44, nada delicado. Os varadouros de hoje são ainda mais fechados que os de ontem: a todo instante Hiwero é obrigado a usar o facão para abrir picada entre troncos e galhos amarrados uns aos outros pelos cipós. A *kobe* se engancha, fica presa quase a cada remada e o facão derruba paus, cascas de árvores, folhagens, ramos e, com isso, despeja água e mais água sobre nós. E bichos: se ontem eu e Kika tirávamos qualquer coisa que caísse na canoa e se éramos “cheios de dedos” com os insetos, aranhas e toda aquela rica, variada e estranha “fauna” que caía das árvores e subia das águas, agora não nos importamos tanto mais com eles. Já não mais os expulsamos e matamos. Quando uma ameaça maior surge, outras perdem ou diminuem a importância: “cessa tudo o que o antigo medo canta que um outro perigo maior se levanta!” A sujeira, a imundície das nossas roupas, já cheias de nódoas e manchas colhidas dos esbarrões nas árvores molhadas, e a multidão daqueles, até há pouco, perigosos invasores em procissão pelo barco, já não nos incomodam mais. O que nos ameaça agora e nos faz tremer é o frio. Ele começa a aumentar, com as nossas blusas de nylon já encharcadas, grudadas nas camisas e no corpo. Nossa proteção “já era”. E, por mais que eu procure, não encontro o menor sinal de que a chuva vá passar. Pelo contrário, como se fosse possível, o temporal se torna cada vez mais intenso e forte. Tawé nos aponta outra cobra numa árvore, assim que acabamos de passar encostadinhos nela – era mais uma cobra-papagaio.

Mais de uma hora sob a tempestade, entrando e saindo da floresta, e o frio é então muito intenso. Agora, Kika rema também para se esquentar, e nós nos revezamos no trabalho: aquele que não estiver remando tira água da canoa com uma cuia, o que se revela um esforço ingrato, pois parece entrar mais água do que conseguimos tirar. Mas o serviço é bom porque também produz calor, conquanto menos que o remar. E como os valores mudam com as situações! Se a tendência seria para fugirmos ao trabalho, agora cada um espera sua vez de remar, ansioso para que chegue logo, pois é a forma de esquentar o corpo. Quando não está remando, Kika tira água da canoa com uma das

mãos e põe a outra dentro da boca para aquecer os dedos que ficam dormentes de frio. Eu fico quietinho após a minha vez de drenar o barco, sem coragem para me mexer, a fim de evitar qualquer mudança nos pontos de contato entre a roupa molhada, colada no corpo, e a pele. Nas partes onde ela está grudada em mim, eu não sinto um frio a mais, porém, se eu me mexer, a mudança de lugar da blusa, da camisa ou da calça, ou o seu deslizar sobre meu braço, pescoço, costas ou pernas, é como molhar onde eu não estivesse molhado (embora já estivesse) – gela mais ainda. Eu tenho que permanecer imóvel, meu corpo como que no maior silêncio – qualquer movimento é um movimento gelado. Penso então em tirar a roupa, ficar nu como os índios, mas desisto rápido, seria transformar-me numa pedra – a idéia me mete um medo gélido... prefiro o frio vestido.

Chega minha vez de substituir Kika e quando ela deixa o remo, ainda um pouco aquecida, massageia minhas pernas e pés, que tremem de frio. Uma situação tão difícil e ela ainda se preocupando em cuidar de mim! Onde uma companheira assim?

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*  
Autor: Walter Andrade Parreira  
(Cap.12 – ‘A explosão amazônica’ – pág.192/194)